



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MEMORIAL
HISTÓRIAS DE MARIA**

**JUAZEIRO/BA
2022**

ALEXIA LAÍSE SANTOS BERNARDINO

MEMORIAL
HISTÓRIAS DE MARIA

Memorial de conclusão de curso de graduação em pedagogia,
Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da
Bahia, apresentado como requisito para obtenção do grau de
licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a doutora Claudia Maisa Antunes Lins.

JUAZEIRO/BA
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

B523h Bernardino, Alexia Laise Santos

Histórias de Maria / Alexia Laise Santos Bernardino. Juazeiro-BA, 2022.
33 fls.: il.

Orientador (a): Profa. Dra. Claudia Maisa Antunes Lins.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Entrevistas. 2. Histórias de vida. 3. Memórias. I. Lins, Claudia Maisa Antunes.
II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título

CDD: 370.1522

ALEXIA LAÍSE SANTOS BERNARDINO

HISTÓRIAS DE MARIA

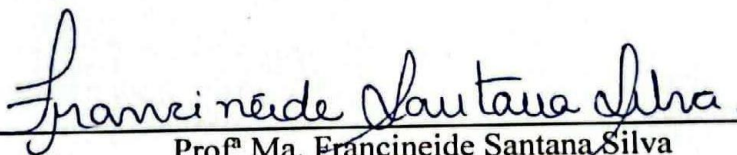
Memorial de conclusão de curso de graduação em Pedagogia, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 26/12/2022

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Claudia Maisa A. Lins
(Orientadora)



Profª Ma. Francineide Santana Silva
(Membro)



Prof. Me. Paulo Ribeiro Soares
(Membro)

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente a Deus, pela oportunidade de ingressar no curso de Pedagogia; esse que me ofereceu tantos aprendizados, construí amizades sólidas que levarei comigo e conheci docentes que orientaram com maestria meu percurso acadêmico.

Sou grata a minha família pelo apoio e por acreditarem em mim; especialmente a minha avó Maria, que abriu seu coração me confessando suas memórias, a minha mãe Meire e a minha tia, Maria dos Santos, pela entrega que tiveram em expor sentimentos e me ajudarem a moldurar o retrato de Maria.

Sou grata a professora Maisa Antunes por me incentivar e me orientar nessa jornada, pela paciência e por todo amor que dedicou a mim e a História de Maria.

Obrigada a todos que de alguma forma fazem parte dessa história!

Resumo:

O presente memorial traz o tema Histórias de Maria com o objetivo de conhecer a trajetória de vida de uma mulher nordestina que enfrentou muitos desafios ao longo de sua caminhada em busca da felicidade. Uma história repleta de obstáculos e bagagens que despertam sentimentos positivos e negativos a respeito da infância, vida adulta e sonhos que foram importantes na construção de uma identidade de coragem e autoconhecimento de si mesma e do mundo. Essa é uma daquelas histórias singulares, pelo fato de trazer uma perspectiva intimista com a própria vida. Assim, a pesquisa ocorreu por meio de entrevistas abertas com Maria, que proporcionaram confissões significativas e a partir dessas confissões surgem retratos que traçam diferentes momentos e diferentes aspectos para serem contemplados; também foram realizadas entrevistas com as filhas de Maria, cada uma colocando Maria em uma moldura diferente. O resultado foi a elaboração de um livro como produto pedagógico do trabalho de conclusão de curso (TCC), usado para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia. Para alinharmos o caminho na construção das confissões realizadas, encontramos força na literatura através do Projeto de Extensão Literatura e Vida, onde ocorreram oficinas literárias de contos e poesias de histórias pertinentes a trajetórias de vida, bem como foi possível costurar a história de Maria às histórias de outras mulheres reais, através de filmes, documentários e livros. Nesse trabalho foi possível construir um diálogo aberto e singelo sobre os acontecimentos que a vida ofereceu a Maria e o destino que seu coração escolheu, e que sua memória guarda até os dias de hoje.

Palavras-Chave: História de vida. Memórias. Confissões.

Abstract:

The present memorial brings the theme Stories of Mary to know the life trajectory of a northeastern woman who faced many challenges along her journey in search of happiness. A story is full of obstacles and experiences that arouse positive and negative feelings about childhood, adult life, and dreams that were important in building an identity of courage, self-knowledge, and world knowledge. This is one of those unique stories because it brings an intimate perspective on life itself. Thus, the research took place through open interviews with Maria, which provided significant confessions, and from these, portraits emerged that traced different moments and different aspects to be contemplated. The interviews were also conducted with Maria's daughters, each placing Maria in a different frame. The result was the elaboration of a book as a pedagogical product for the final paper to complete the degree in Pedagogy. To align the path in the construction of the confessions made, we found strength in literature through the Literature and Life Extension Project, where literary workshops of short stories and poetry of stories pertinent to life trajectories took place. In these workshops, it was possible to get together the story of Maria with the stories of other real women, through films, documentaries, and books. I could build an open, sincere, and simple dialogue about the events that life offered to Maria and the destiny that her heart chose, which memory holds until today.

Key-words: Life story. Memoirs. Confessions.

Sumário:

Parte I

1. Introdução:	09
a. Objetivos geral e específicos	11
2. O caminho a partir do projeto de Extensão Literatura e Vida	12
a. A memória na poesia (Marcos Vinícius)	13
b. A memória na poesia (Manoel de Barros)	13
c. A memória na obra (José Saramago)	14

Parte II

3. Porque escrever essa história – o que aprendo com ela	15
a. Histórias de mulheres reais como Maria – Livros	16
b. Histórias de mulheres reais como Maria – Filmes/documentários	20
c. Leitura de mundos	27

Parte III

4. Passos para a construção do livro	29
5. Considerações Finais	30
6. Referências	32

1. Introdução

Este memorial busca mostrar como foi construído o trabalho de conclusão de curso (TCC) tendo como escolha a modalidade produto pedagógico. Também as possibilidades de aprendizados que pude tirar no processo de construção do livro *Histórias de Maria* e de poder oferecê-las aos leitores deste trabalho. O livro *Histórias de Maria* foi baseado em três entrevistas abertas, gravadas e transcritas, trazendo as narrativas da trajetória de vida de Maria, por ela mesma, e por suas filhas, que revelam visões distintas acerca de Maria e suas histórias. Com essas narrativas a história de Maria pode ser ouvida, refletida, e jamais esquecida.

Crescer ouvindo pequenos trechos da vida de Maria despertou em mim uma curiosidade para descobrir como sua história aconteceu por inteiro e quando me vi sendo uma estudante do curso de Pedagogia percebi que a história de Maria já se repetiu inúmeras vezes, mas tendo como protagonista outros nomes que também ficaram à mercê de uma sociedade desigual. Contar a história de Maria significa abrir um campo de encontro de vozes de pessoas que como ela enfrentaram suas batalhas com as armas que tinham e apesar de toda desvantagem social ainda se sentem vencedores(as) e orgulhosos(as) do caminho vivido, são histórias em comum, mas ao mesmo tempo únicas e essa é uma história de muitas lições para estudantes e educadores sobre desigualdade, educação e preconceitos, que merece ser contada. Dá visibilidade as histórias de vidas comuns/ordinárias, que passaram despercebidas por nosso caminho e que são carregadas de significados nos proporcionam aprendizados inimagináveis como seres humanos e como educadores.

O tema *Histórias de Maria* não era algo que passava pela minha mente para o TCC. No início do curso, pensava em me dedicar a outros temas dentro da história da educação. Em determinado momento do curso, quando me foi apresentada a pedagogia freireana conectei naturalmente a história de minha avó Maria à história social da educação; então este sentimento de trabalhar com a história de Maria foi aflorado. As obras de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia de Esperança* e *A importância do ato de ler* ampliaram a minha percepção sobre a história da minha avó, pois vi que a história dela tratava-se de uma das muitas histórias de pessoas não alfabetizadas deste país e de suas lutas cotidianas numa sociedade dividida em classes e com desigualdades de oportunidades.

Mas à frente, as experiências proporcionadas através da linguagem literária, primeiramente em Pesquisa e Prática Pedagógica III e Pesquisa e Prática Pedagógica IV, com as oficinas literárias (conduzidas pela professora Maisa Antunes), depois a participação no Projeto de Extensão Literatura e Vida, este cenário desenhou-se para mim uma oportunidade de conviver com a literatura e a poesia, observando como essa linguagem promove uma reflexão sobre a vida, a partir do cotidiano, das memórias, da imaginação, de pessoas comuns, o que me fez perceber que essas histórias trazidas nas obras literárias era como se fosse minha história, a sua história, ou a história de Maria (minha avó) e também de outras Marias. Essa experiência com a literatura me abriu a possibilidade de escrever sobre a história da minha avó, que mesmo sendo uma história comum era singular e me ajudava a refletir aspectos da sociedade: o papel da mulher na sociedade, as desigualdades de oportunidade, o sistema de educação dual no Brasil, a questão do analfabetismo como uma desvantagem social, e os diferentes saberes.

Outra experiência que me ajudou a confirmar o tema da minha pesquisa foi através do componente curricular História com o professor Josemar da Silva Martins, que passou um trabalho em que deveríamos escrever sobre a história dos nossos antepassados (avós/avôs maternos ou paternos) e eu escolhi contar a história da minha avó materna, Maria. Eu escrevi um pequeno texto em forma de cordel contando sobre sua vida. No ato de escrever esse texto percebi o quão marcante foi a trajetória de vida que Maria enfrentou em sua juventude e como sua história possui um significado imenso para mim, para minha família e acredito que pode ser um material escrito interessante para estudantes e educadores conhecerem. Decidi compartilhar o texto que escrevi na disciplina de História para que a intimidade com a vida de Maria seja alcançada.

Maria é a nordestina mais arretada desse sertão, ela nasceu no dia 04 de dezembro de 1952, no interior de Bacabal, município do Maranhão. Vinda de família humilde, ela foi criada por sua mãe junto dos seus três irmãos.

Desde de cedo precisou deixar sua boneca de lado e partir para uma vida dura e difícil de trabalho.

Aos 14 anos, Maria se casou sem amor e a três filhos deu à luz, mas com o passar do tempo seu casamento desgastou e o divórcio ela buscou.

Maria queria seus filhos com ela, mas a guarda ninguém lhe deu. Sem os filhos, ela se sentiu perdida e um conselho do seu padrasto recebeu: “Minha filha, lute e reconstrua sua vida, que seus filhos um dia você vai ter de volta”.

Maria seguiu o conselho, foi corajosa e procurou um novo destino, mesmo com o coração partido ela foi em frente. Se mudou para Bahia em busca de oportunidades e do seu caminho novamente. Na Bahia, ela conheceu o mundo inteirinho, sofreu o pão que o diabo amassou, lutou, chorou e se permitiu amar novamente. Conheceu um jovem rapaz e com ele se casou, dando à luz a duas filhas. Foi na Bahia que Maria se encontrou e também onde reencontrou seus preciosos filhos, que de um por um buscaram a mãe e com ela todos permaneceram. Foi na Bahia que Maria enviuvou, que dançou, que bebeu, que cantou sua juventude e onde criou seus filhos e seus netos amados. É na Bahia que Maria está com sua família e da Bahia, ninguém tira Maria. Aqui ela é feliz, ela é bisavó, ela é amada. Maria é matriarca da família e a família dela não larga. Maria é toda independente, mulher guerreira e engraçada. Maria é braba e também coração mole. Maria é a mulher mais forte que conheço e mesmo contando sua história, o que eu disse aqui não faz jus às suas memórias.

A partir desse texto, precisei refletir sobre minha decisão em apresentar esse produto pedagógico, pois exigia de mim e de minha família abrir uma porta de sentimentos que não é exposta, abrir o baú de memórias presentes em nossos corações, mas que não são falados com frequência e para isso é necessário coragem. Além disso, me colocar como entrevistadora de uma história que já tinha conhecimento não foi uma tarefa fácil, precisei respirar fundo e ganhar uma distância para refletir os aspectos da história de Maria, aqueles marcantes para serem contados e que traz a força na figura feminina, bem como aqueles que revelaram ressentimentos. Enquanto estudante, busquei em meu curso a fundamentação necessária para dar seguimento a essa decisão e encontrei minha coragem ao assumir essa pesquisa pela abordagem através da linguagem literária e poética. Para isso, entrevistei Maria e as Filhas de Maria e com essas entrevistas organizei um livro sobre sua história.

a) Objetivos:

Objetivo Geral

Conhecer a história de Maria, suas percepções, crenças, sentimentos e como esse repertório repercute na criação e vivência de diferentes saberes.

Objetivos Específicos:

- Conversar com Maria sobre sua trajetória de vida.
- Conversar com as filhas de Maria sobre sua trajetória de vida.

- Perceber as dificuldades enfrentadas por Maria e descobrir como ela lidou com os desafios de sua vida, numa sociedade moderna, machista e com desigualdade de oportunidades.
- Ouvir as confissões de Maria, os sentimentos, a infância, a vida adulta e os sonhos, observando como esses aspectos e passagens atuaram na construção de sua identidade.
- Identificar como a história de Maria pode nos oferecer diversas aprendizagens, conectando a história de Maria às histórias de outras Marias.
- Relatar a importância da linguagem literária e poética como uma aproximação a diversas realidades, sentimentos e memórias.

2. O caminho a partir do projeto de Extensão Literatura e Vida

Através da linguagem literária e poética, tive contato com autores, obras, poemas que falavam sobre histórias de vida e nos aproximavam da realidade, que nos levavam a refletir diferentes formas de pensamento com diálogos abertos sobre o que sentíamos a partir das leituras. Participar do Projeto exigiu que eu abrisse o coração para a poesia, isso me transformou, aprendi que falar o que sentimos é válido e libertador, e que o espaço que construímos no Literatura e Vida era um lugar seguro para essa troca intimista. Compartilhamos o Literatura e Vida com convidados que contaram suas experiências com alguns autores, através do evento Poeta por Poeta. Nesse evento nós apresentamos esses poetas regionais e suas obras à comunidade. Eles nos proporcionaram uma troca de beleza, com suas escritas acessamos realidades que muitos de nós se encontraram, se reconheceram, e nessas realidades pude enxergar não só a mim, como às minhas colegas que dividiam esse momento comigo, e de posse desse material poético que carreguei comigo, pude também ver minha avó Maria. Hoje, ao decidir trazer a história de Maria, como meu TCC, percebi que o meu repertório construído no Literatura e Vida foi fundamental para escrever suas memórias e deixar que elas me guiassem caminho a fora.

Com isso dito, apresento alguns escritores/poetas que foram essenciais para minha jornada dentro da Literatura e da Poesia; são eles, Marcus Vinícius, Manoel de Barros e José Saramago. Esses escritores/poetas trazem memórias dentro de suas palavras, percebi que cada um desses apresenta a memória como um fator marcante e escrevem a partir dela, criando uma ótica que costura a realidade às memórias inventadas, e foi com esse

sentimento que tentei capturar em minhas leituras essas memórias contadas, relatadas a mim, pela minha avó, minha tia e minha mãe, que aqui reconto em forma de entrevistas.

a) Marcus Vinícius

Os poemas de Marcus Vinícius libertam memórias. Seus livros, *O cacto não cresceu* (2018) e *Ontem estive cálido* (2018) entregam sentimentos, principalmente aqueles que temos guardados no ponto mais profundo do peito, pois ele consegue passear pela dor, esperança, medo, amor e infância, em diversos contextos de vivência familiar; mostrando que as pequenas coisas são importantes, que a memória importa, que o cotidiano importa, ampliando assim o nosso olhar para perceber as coisas simples.

Lendo a poesia de Marcus, entendi que não podemos estar apegados a uma lógica racional para compreender e explicar poesia, pois ninguém deve ousar tamanho afronte. Eu engoli poesia quando me distanciei da racionalidade científica, percebi que poesia é mágica, entendemos poesia quando sentimos poesia. Um simples poema, talvez escrito com um determinado sentimento, tem o poder de transportar o leitor a um novo ressignificado dando novas formas.

Marcus desperta, com sua poesia, memórias que nos fazem recordar o cheiro e sabor das coisas da infância, as primeiras impressões do mundo e quando somos crianças aproveitamos mais as coisas, entretanto só conseguimos ter consciência disso enquanto adultos. É na poesia que encontramos conforto, guardamos memórias, lembranças e revivemos as experiências, a poesia consegue ligar os sentimentos.

Aprendi com Marcus que colocar memórias em um papel é mostrar o que tem dentro de si e se libertar; é como abotoar uma camisa, botão a botão preenchemos um sentimento, uma emoção, uma entrega e uma libertação. Um de seus poemas, *Herdeiros*, me marcou bastante. Me marcou porque aborda o tema da morte e ao mesmotempo alivia esse sentimento por dentro. Eu nunca senti a dor de perder alguém, mas esse poema de Marcus me trouxe o medo da dor; de perder minha avó para sempre.

b) Manoel de Barros

Manoel de Barros traz a memória inventada (na infância), o que torna sua poesia ainda mais bela. Manoel tem o dom, de ser achado pelas palavras, ele nos faz perceber o

encanto das pequenas coisas, coisas que passam despercebidas e quando põe isso em sua poesia, podemos ampliar nosso mundo com o olho de Manoel. A memória inventada de Manoel mergulha fundo no baú da infância, no lugar onde depositamos as primeiras sensações, os sentimentos e as descobertas. As memórias inventadas enchem nossa imaginação e nossa imaginação enche o mundo.

Manoel diz que noventa por cento do que conta é invenção e só dez por cento é mentira, eu como leitora de sua obra, jamais quero descobrir o que é invenção ou mentira, pois acredito que o seu trabalho tem significado justamente por não desfazer a magia que ele mesmo criou no nosso imaginário.

Quem lê Manoel buscando verdade ou compreensão só sairá com alegria, as suas memórias inventadas carregam mais verdade do que a realidade do nosso cotidiano, ela nos faz refletir se a ótica que enxergamos as coisas não foi alterada, a invenção aumenta o mundo e faz com que a dimensão das coisas não seja palpável, mas que flutue em nossas memórias. Para ele, a poesia se for explicada começa a ter influência da razão e quando isso acontece, não se pode sentir a poesia, porque poesia é sensibilidade, é a descoberta do diferente, do íntimo, da felicidade e desperta para o sentimento.

Aprendi com Manoel que poesia é sentimento e sentimento deve ser apreciado sem julgamentos ou interpretação, as memórias inventadas de Manoel me fizeram perceber que tudo é importante para se compartilhar, tive cuidado ao contar as memórias de minha avó para que não deixasse escapar nada aos meus ouvidos, pois como Manoel coloca, as pequenas coisas importam, principalmente suas memórias.

c) José Saramago

José Saramago traz a memória na vida, ele busca suas memórias recordando pequenos detalhes da infância, dos sentimentos, dos desejos, dos gostos e cheiros. Sua trajetória é cercada de lembranças que o compõe como homem, ele escreve com uma urgência em retirar de si o que sente e registrar em um papel, mas sem plena certeza de que conseguiu expor por completo o que gostaria, por isso acredito que suas obras passam aos leitores uma sensação de que mais escritos surgiriam das angústias e necessidades de Saramago em expor seus sentimentos.

Saramago coloca a vida como a possibilidade de ganhar o tempo, e não perdê-lo. Esse pensamento inverte a realidade, pois o comum seria quanto mais tempo passar

menos vida se tem para viver, para ele suas memórias tornam essa possibilidade real e escrever suas memórias é um sinal de que existiu.

José Saramago dialoga com minhas pequenas memórias quando traz em sua escrita, a figura dos avós, ambos analfabetos carregados de ensinamentos que não vinham de palavras escritas ou lidas, mas ensinamentos da vida, nas relações, nas conquistas, nos fracassos e também nos ensinamentos que transmitiam pelo silêncio. Nas minhas memórias, a minha avó é a figura marcante. Assim como Josefa, avó de Saramago, minha avó Maria também não sabe ler, ela ler o mundo com os olhos, teve uma vida inteira de trabalho, engravidou muitas vezes e criou filhos. Aprendi com Saramago que contar memórias de vida é abrir um caderno em branco, desaguando em sentimentos retirados do peito e enxergá-los em suas formas e cores.

Parte II

3. Por que escrever essa história – o que aprendo com ela

Por que escrever essa história e apresentá-la como um trabalho acadêmico na finalização do curso de Pedagogia? Foi uma pergunta que me fiz tantas vezes. Encontrei a resposta através da experiência com a Literatura. Com certeza não vislumbrei tratá-la como uma vida heróica, mas como uma vida comum, que através deste trabalho consigo traçar, digamos, uma moldura. Adélia Prado, em entrevista no Programa Sempre um Papo (2008) fala sobre a importância do cotidiano, de como as pessoas, ricas, ou pobres, nobres ou plebeias só têm o cotidiano, uma vida ordinária; e é nessa vida que vamos viver a vida comum, e de que é nesse cotidiano onde tudo se revela, a vida de cada um nós é importante.

Maria Zambrano, em sua obra *A metáfora do coração e outros escritos* (2000) traz um texto sobre a necessidade de escrever defendendo uma solidão e sendo fiel ao que sente. Desse modo, eu sei quem sou quando escrevo o que sou, muitas vezes não temos consciência da urgência em expor sentimentos, principalmente aqueles que não conseguimos pronunciar em voz alta. Assim, encontra-se na escrita um instrumento de libertação que está, talvez localizado no músculo pulsante do nosso corpo: o coração. Essa libertação não é somente de sentimentos confusos ou angustiantes, mas é uma libertação de olhar para dentro e poder escrever sobre si mesmo, sobre sua vida, suas paixões, seus medos, seu cotidiano e com esse exercício pode levar a uma autorreflexão sobre a vida.

O coração é o lugar onde esses sentimentos ficam recolhidos, é ele que nosguia e guarda nossas feridas, essas feridas que o tornam vivo e o fazem bater forte no peito.

O retrato de Maria foi feito de memórias vividas. Ela viveu e vive a vida que lhe foi dada e que está sendo dada, teve e tem propósitos, medos, desejos, desafios e sonhos; ainda vive sua vida simples, cercada do amor de sua família, na sua casinha, fazendo suas comidinhas e assistindo sua novelinha. A vida de uma mulher comum, aos olhos de uma neta comum em uma vida comum, nunca teve tanta importância, a história de Maria só precisava ser vista com um novo olhar, um olhar que percebesse a simplicidade de sua vida. Minha avó não sabe escrever o que vive e sente, por isso emprestei a ela as minhas mãos para que ela pudesse contar sua história. Eu trouxe a história de Maria de forma despretensiosa para mostrar mais uma vida comum carregada de significado

Dito isso, durante minha pesquisa, me deparei com outras histórias de mulheres com vidas comuns como Maria, nessas histórias o cotidiano é retratado contando suas memórias reais e/ou ficcionadas, foi dentro dessas obras literárias e filmes que encontrei, em casa, um pedaço da vida de minha avó e a identifiquei.

a) Histórias de mulheres reais como Maria – Livros

Os livros de Carolina Maria de Jesus *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (2014) e de Nélide Piñon *Coração Andarilho* (2009) são obras que trago em destaque mulheres comuns, que fazem um autorretrato de quem são, mulheres que trazem em suas escritas o cotidiano que enfrentam e como se colocam em sociedade, na família, no amor e na vida. Essas obras foram importantes para que eu compreendesse que todas nós, pessoas, mulheres comuns possuímos histórias, e as histórias merecem ser retratadas, cuidadosamente, emolduradas, para não esquecermos quem somos.

Em o *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, Carolina conta sua história, ela é uma mulher comum, pobre, favelada, preta, mãe solteira, garante a comida na mesa como catadora de papel/lixo; uma mulher que não teve a educação escolarizada completa, o seu contato com a escola aconteceu em um curto período de dois anos, mas durante esse tempo, ela conseguiu absorver um pouco do aprendizado que lhe foi proporcionado, resultando no seu desenvolvimento para a leitura e para a escrita, e com isso ela registrava

as contemplações que tinha do seu mundo, guardando esses pedaços de vida no seu diário, que depois se transformou numa referência literária.

Carolina se mostra determinada, e quando começou a ler, descobriu o mundo de novo ou passou a ver o mundo com outros olhos, porque pôde guardar seus sentimentos e os retratos que tirava da realidade com as palavras escritas no papel em branco. Nas oportunidades que tinha, buscava a leitura como um refúgio, e talvez como uma forma de ter esperança, já conseguia extrair daí pequenas belezas. Na rua, enquanto catava papel, procurava cadernos com folhas limpas para serem preenchidos com suas palavras. Assim, ela deu vida as palavras que guardava no peito.

Nessa obra, Carolina escreve seu livro em um formato de diário, descrevendo dia após dia o seu cotidiano, por isso sua percepção sobre a vida é marcante, é algo que vem de dentro. Carolina viveu aquela realidade, era ela que estava em uma situação de vulnerabilidade, era ela que morava em uma favela, era ela que lutava para educar e alimentar os filhos, era ela que precisava acordar todos os dias cedo para ir buscar água, era ela que morava em um barraco sem banheiro, era ela que parava todos os dias para escrever sobre o que aconteceu e viveu. Então, ninguém melhor que Carolina para contar sua vida, sua realidade e os seus sentimentos.

Dessa forma, ao escrever seu diário, Carolina desmanchou preconceitos, pois para ser a escritora que foi, não precisou deixar de ser uma mulher, negra, favelada, catadora de papel e pobre. Essa mulher, com uma vida comum, se tornou uma escritora e a sociedade em que viveu não poderia diminuir sua conquista deixando-a na invisibilidade por mais tempo. Foi morando em um ambiente precário, resultante de uma sociedade desigual, que Carolina buscou o caminho consciente, um caminho cavado com suas próprias mãos e com o que tinha escrito em seu coração.

Esse diário, conta um lado esquecido, um lado visto e sentido na pele dessa mulher, que escreveu como uma forma de denunciar, mas também de testemunhar, os abusos sociais que acontecem em sua realidade; a violência que é vivida na favela, a realidade dura e cruel de medo e desespero, a miséria e a fome que são pontos marcantes de sua história, a forma como essa mulher lida com a educação dos filhos lutando para que, apesar deles estarem na pobreza, tenham a educação como um seguro, como algo que ninguém consiga tomar, já que dessa família foram tomadas tantas coisas.

Quarto de despejo: Diário de uma favelada é a forma que ela enxerga a favela, um lugar onde ninguém quer ir ou permanecer, um lugar onde se joga o que é cuspidado e arremessado fora em uma sociedade injusta. A leitura dessa obra é densa, pois é uma escrita real de uma vida real, tão real que às vezes, os fatos trazidos por Carolina parecem que trazem uma dimensão ficcional. A escrita de Carolina traz um tom poético por mobilizar a imaginação dessa mulher, porque ela, com seus olhos de poeta ultrapassa e transvê (Barros, 2010: 350) a realidade. Ela escreve sobre os filhos, quando eles ficam doentes, quando se metem em encrencas, como é a personalidade de cada um, os problemas com os vizinhos e o que os filhos sofrem dentro dessa vida. Ela escreve sobre acordar com a barriga roncando de fome sem saber se conseguiria fazer uma refeição ou proporcionar essa refeição aos filhos. Carolina é uma mulher de uma consciência política muito forte, ela percebeu que sua realidade era enfrentada quando existia um interesse político e quando esse interesse era alcançado em épocas de eleições, e de como a favela caía novamente no esquecimento, depois destas. Essa perspectiva posta por Carolina, de certo modo ainda é presente nessa realidade, pois esse quarto de despejo a cada dia se torna mais e mais abarrotado.

A trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus me fez refletir sobre a história minha avó Maria, pois ela também foi uma mulher que estava destinada a uma vida posta na invisibilidade. Assim como Carolina, Maria também lutou por sobrevivência, criou os filhos sozinha e enfrentou batalhas para sair da vida que não queria viver. A minha avó Maria não usava a força das palavras escritas como Carolina, também não era uma escritora como ela e não possuía um diário sobre seu cotidiano e suas vivências, mas a partir do momento que abriu seu coração e contou suas memórias, conseguiu construir seu próprio romance; uma vida marcada por altos e baixos, mas que tinha o amor como centro de tudo. Era o amor pela vida e pelos filhos que guiou Maria em sua trajetória.

Coração Andarilho, o livro de memórias escrito por Nélide Piñon, destaco a forma como Nélide conta sua trajetória de vida enquanto menina, filha, neta, mulher e escritora construindo sua própria imagem. As suas memórias contadas são guiadas pelo afeto e pelas fases de sua vida; as descobertas, as percepções que ela tem sobre as coisas ao seu redor e o significado que essas memórias proporcionaram no seu íntimo ao longo dos anos.

Contar suas histórias em uma obra autobiográfica foi selecionar os momentos, os sentimentos e os desejos que gostaria de compartilhar e assim, permitir que essas memórias transbordem de seu peito para o papel. É através dessas memórias contadas, escritas e também ficcionadas que Nélida reflete sobre sua vida, sobre as coisas que não percebeu até que contasse em seu livro, conseguindo uma amplitude maior para compreender sua própria história. E a ficção foi um exercício fundamental para este reencontro. Na verdade todo mundo é um pouco Manoel de Barros, reinventa as memórias.

Em sua obra, Nélida constrói um autorretrato passando por toda sua vida em uma forma cronológica dos acontecimentos, a memória permite que essa construção entre o passado e o presente possa existir; a costura que Nélida faz entre o hoje e o ontem é tão forte que em alguns momentos se torna quase impossível desmanchar o nó que a autora faz do passado com o presente. Inicialmente, Nélida conta suas origens a partir da consciência que tem sobre isso durante a infância, ela fala sobre seu lar, seu bairro, sua família, seus pais, seus avós e como é a relação entre eles. Ela começa contando sobre a história de seu nome, o nome Nélida não era a primeira opção de seus pais ou de seu avô, mas por insistência de sua tia Amanda, o nome Nélida venceu a dura batalha; o seu avô Daniel, apesar de não gostar do nome escolhido para a menina, não deixou de amá-la com tamanho cuidado sem saber que os laços entre eles se fortaleceriam também no nome dado a sua neta, pois o nome Nélida é um perfeito anagrama do nome Daniel.

Uma das passagens marcantes do livro e que me fez pensar sobre minha avó Maria, é quanto Nélida traz a figura do seu avô Daniel e a importância que ele tem na sua vida; ele a ensinou sobre vinhos, sobre devolver os pratos a pia, a preparar charutos, a admirar paisagens, a conhecer lugares, restaurantes e ensinava a netinha a não aceitar o que não lhe fizesse bem. Nesse ponto, também penso nos ensinamentos que Maria me ofereceu; na infância ela me ensinou a compartilhar meus brinquedos com outros coleguinhas e a arrumá-los depois que terminasse de brincar, na adolescência ela me ensinou sobre disciplina e a cumprir meus deveres em casa e na escola, na minha fase adulta (atual), mal posso listar todos os ensinamentos que compreendi ter recebido ao longo desses anos, o mais marcante para a fase que estou é a conquista pela minha independência financeira, que segundo Maria é o seu desejo mais importante a ser realizado por mim.

Em seu livro, Nélida percebeu que seu avô Daniel a educou quando refletiu ao escrever sobre ele, a mesma coisa aconteceu comigo. Eu sempre tive consciência de que Maria me educou, mas ainda não tinha refletido sobre como aconteceu a construção dessa educação proporcionada por ela, e que estou tendo a oportunidade de fazer agora com a escrita de Histórias de Maria, através das entrevistas com ela e com as filhas dela. Entendi que foi uma educação que me ensinou sobre princípios, respeito, caráter, honestidade, amor e a importância da família.

Essas obras me orientaram em percepções sobre a história de Maria, percepções em que refleti sobre as decisões que ela tomou em sua vida e como foi afetada por elas, como suas memórias revelaram a superação de determinadas situações de vida, rompeu ciclos, criou e educou filhos e como ela em meio a uma sociedade que exige do indivíduo um saber que decorra de instituições escolares conseguiu educar-se em sua trajetória.

b) Histórias de mulheres reais como Maria – Filmes

Estando mergulhada em minha pesquisa, senti que necessitava contar sobre as percepções que tive a respeito de histórias de mulheres reais, que decorreram de filmes assistidos ao longo da pesquisa, e que me proporcionaram uma imensidão em possibilidades dentro da história de Maria. Assim, trago filmes que acredito terem me ajudado de alguma forma a contemplar histórias de mulheres que em sua jornada se tornaram vitoriosas, mas que tiveram obstáculos, desafios, dores, amores e que são mulheres reais, com vidas reais e inspirações para outras mulheres.

Os filmes *Vida Maria*, *Persépolis*, *Frida Kahlo* e *Nina Simone* me apresentaram aspectos da vida de mulheres que lutaram por seu espaço na sociedade, que possuem vidas comuns cercadas de altos e baixos, mas que encontram uma força interior para seguirem em frente e se tornarem donas de quem são. Essa luta é também a luta de tantas outras mulheres, tantas outras Marias que vivem ou viveram uma vida de sofrimento, pobreza e opressão.

O primeiro filme que trago é a história retratada em *Vida Maria*, produzido/dirigido por Márcio Ramos, me fez perceber a repetição de um ciclo durante etapas de vida, passados de mãe para filha, em que a criança, uma menina, era colocada como mão de obra para a família e que viria a se tornar uma pessoa para ajudar a mãe em casa. Existe uma instrução para essa menina, personagem do curta-metragem, que está destinada a

realizar as tarefas da mãe, cuidarda casa, cozinhar, lavar roupa, alimentar os animais e assim por diante; essa instrução que é dada à menina serve para que futuramente ela se torne um reflexo de sua mãe, quetenha a mesma vida, no mesmo lugar, realizando as mesmas tarefas domésticas.

Em certo momento da história, a menina demonstra uma esperança no olhar, talvez com um pensamento de que seu futuro possa ser diferente; ela escreve em seu caderninho repetidas vezes o seu nome, penso que seja uma forma de não se esquecer ou apenas para observar a forma que o seu nome tem no papel. Quando essa personagem se casa, reacende uma luz como se o casamento pudesse realizar alguma mudança naquela realidade, mas com o tempo o rosto dessa mulher entristece; ela engravida muitas vezes, cuida da casa, do marido e dos filhos, os filhos homens cresceme vão trabalhar com o pai e a sua filha menina, criança, assim como ela, é instruída a realizar as tarefas domésticas e o ciclo se repete. Essa mulher se transforma em uma pessoa com expressões tristes, com o rosto enrugado, a fala mais severa, as roupas na cor cinza, que representa (no filme) a repetição deste ciclo sem fim, que reproduz as mesmas ações que aconteceram com ela. As mulheres dessa família são destinadas a essa realidade, a cumprir essa função social que é imposta, em que não é visível uma escapatória e a possibilidade de um futuro diferente não é ao menos imaginado, tão pouco alcançável.

Vida Maria foi um curta-metragem que me arrebatou, pois em toda história contada visualizei a imagem de Maria (minha avó). A repetição de um ciclo no qual as mulheres da família deveriam cumprir um papel social que foi imposto para aquela realidade; um ciclo de analfabetismo na família e a instrução passada para Maria foi para que ela realizasse as tarefas domésticas, cuidasse do marido e dos filhos. Um destino que permanecia se repetindo, assim como aconteceu com sua avó, com sua mãe e naquele momento com ela. Está no mesmo lugar, com a mesma vida, realizando as mesmas funções sem esperança de que algo para ela fosse diferente.

Em muitos momentos do curta-metragem, a personagem Maria olhava ao redor com uma expressão entristecida; ela respirava fundo, era uma respiração de cansaço, ou quem sabe de desabafo, sentia o sol queimando sua pele e ouvia o mesmo canto de passarinhos repetidas vezes, todos os dias. Essa mulher estava aprisionada em uma realidade que não permitia que ela pudesse ser algo mais que uma dona de casa, ser

mais do que uma mãe e ser mais do que uma esposa. A cada dia, o semblante de vida no rosto dessa mulher se apagava. A minha avó Maria foi essa mulher por muitos anos, lutou as mesmas batalhas que a personagem, mas dessa realidade a minha Maria conseguiu escapar. Essa escapatória não foi sem custos, custou muito a Maria não querer viver essa vida que lhe foi imposta, Maria perdeu a guarda dos filhos, o apoio de sua família, foi tratada de forma injusta pela sociedade, foi oprimida e ficou por muito tempo sozinha. Custou a Maria viver a vida que queria, mas ela não carrega arrependimento pelas escolhas que fez para o seu bem, talvez se permanecesse no mesmo lugar teria uma morte da sua felicidade, ela se escolheu antes de qualquer coisa.

O segundo filme é *Persépolis*, uma autobiografia de Marjane Satrapi. Marjane é uma mulher iraniana que conta sobre as fases de sua vida e as batalhas que enfrentou ao longo do seu caminho, desde a infância até sua fase adulta. Marjane conta seu cotidiano em um contexto de ideologias conservadoras, de incertezas e opressão. Inicialmente, a história de Marjane foi um livro publicado em formato de HQ, esse livro em quadrinhos era repleto de ilustrações contando sobre seus costumes, seu cotidiano, seu estilo de vida, a cultura de seu país, de como era o lugar que morava e como era sua família. Desse livro, surgiu a primeira versão de um filme feito em formato de desenho animado dirigido por Vincent Paronnaud e pela própria Marjane em 2007. Marjane cresceu em uma época de guerra, durante a Revolução Iraniana que aconteceu em 1979, quando Marji tinha apenas dez anos; uma menina que no seu crescimento teve a vida dividida pela Revolução e que percebeu desde cedo as constantes injustiças e opressões sociais naquela sociedade em guerra. Essa Revolução aconteceu em decorrência de uma insatisfação da população, que lutava por uma sociedade igualitária e justa contra o regime do governante Xá Reza Pahlavi.

Nessa época, a personagem Marji sente que sua vida está sendo tirada de suas mãos quando percebe, ainda com olhos de criança, que muito das censuras e pressões vividas recaía sobre as mulheres, também quando vê seu tio sendo silenciado por participar de protestos e manifestar sua opinião política, quando teme que seu primo seja convocado para a guerra, quando compreende que seus pais lutam contra o sistema conservador/opressor, mesmo com medo de serem pegos, quando percebe famílias sendo perseguidas e torturadas pelo fato de resistirem àquele regime político/religioso opressivo.

Assim, Marji começa a perceber as mudanças que o regime instalou sobre as mulheres, elas não podiam reivindicar seus direitos tendo suas vozes silenciadas, elas tinham que seguir um código de vestuário sendo obrigadas a usarem o véu¹, passaram a ser educadas por mulheres em turmas separadas para mulheres e com isso, seus pais decidiram que Marji deixaria o país para que pudesse estar livre e a se fazer uma mulher livre em outro lugar distante do seu lar. Sua mãe, como mulher, teve um papel decisivo no apoio a Marji, aliás, a geração de mulheres da parte de sua mãe, como o filme mostra, começando de sua avó (mãe da mãe de Marji), uma mulher extemporânea, já começam abrir os caminhos de libertação para Marji, que depois vai abrindo mais e mais os seus caminhos.

Durante esse tempo longe de sua família, Marji esteve sozinha, pulou de abrigo em abrigo, e passou por muitos sufocos para se adaptar a um novo país, não foi uma tarefa fácil, pois seu idioma e sua etnia a colocaram em situações de opressão e injustiça social que ela nunca vivenciou antes. Nesse novo país, Marji evita falar sobre seu lugar de origem, sobre seus antigos costumes, sobre os anos que antecederam a guerra, pois foram durante esses anos que Marji amou o lugar onde nasceu e seria para essa época que ela gostaria de retornar quando voltasse para casa. Ela desejava voltar ao seu país e encontrá-lo como foi no início de sua infância, mas em muitos momentos fica entristecida como se não desejasse que sua memória buscasse lembranças de casa.

A história de Marji é sobre uma sobrevivente de guerra que conseguiu escapar do conflito de onde vivia, mas essa fuga não foi afastada do sofrimento. O trauma que ela viveu, a distância de sua família e o fato dela não está lutando ao lado de seus familiares, com o tempo se tornou sufocante, e por isso Marji decide retornar a sua casa. O retorno ao seu país não é fácil, ela não reconhece o lugar onde viveu e percebe a destruição deixada pela guerra, mas como na infância, sua avó foi um porto seguro para ela nesse momento.

Sua avó esteve presente em seu crescimento, ajudou em sua educação, a ser uma criança curiosa, esperta, e uma mulher corajosa. Sua avó era uma mulher à frente do seu tempo, era forte, cheia de ideais e valores bem construídos, era uma mulher de opinião, que não aceitava que sua liberdade fosse tomada, que lutava por igualdade, por liberdade

¹ A realidade trazida no filme *Persépolis*, infelizmente, ainda é uma realidade no Irã. As mulheres nesse país permanecem em uma sociedade, que impõe um rigoroso regime conservador/ opressor a população. ***Mulher Iraniana morre por 'usar véu errado'***. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/28/iraniana-que-morreu-por-usar-veu-errado-recebeu-golpe-na-cabeca-dos-policiais-afirma-primo.ghtml>

e com a avó ela podia se abrir, confessar os seus segredos e receber o apoio que precisava. Em todas as fases de sua vida, sua avó não permitiu que ela desistisse de lutar e viver livre, ela encorajou sua busca por felicidade e era dona de um cheiro singular, cheirava a *jasmim*, por colocar essas pequenas flores de em seu sutiã, quando desabotoava o fecho, as flores caíam no chão e o aroma delas tomava o ambiente. O cheiro doce e fresco de sua avó nunca saiu de sua mente.

Quando olho para a história de Marji, me vejo e vejo Maria (minha avó), me vejo nas entrelinhas das memórias contadas, quando conta o que viveu em sua vida, quando conta suas lutas, suas dores, seu amor, seus medos e abre o coração para confessar esses sentimentos. Marjane sobreviveu a guerra, Maria sobreviveu a miséria e sobreviver machuca por sentir que tudo que possuía estava sendo arrancado do seu corpo, pedacinho por pedacinho de dentro para fora, mas essa é a única escolha para quem quer viver livre. Ambas sobreviveram aos duros momentos da vida.

Marjane também me tocou na forma que ela enxerga sua avó. Uma mulher que ela admira, respeita e ama incondicionalmente; sua avó é uma referência de mulher e de pessoa, isso me lembra Maria, minha avó, que também significa muito para mim, a relação de cumplicidade, o encorajamento para a vida, a força de viver honestamente. Maria é forte, independente e tem uma história de vida na qual enfrentou diversas batalhas ao longo dos anos.

O filme de *Frida Kahlo*, dirigido por Julie Taymor, abriu-me cenários para contemplar a vida de outra mulher, uma mulher singular que se torna um símbolo de coragem e liberdade. Frida inspirou mulheres a conquistarem seu lugar, retratando em suas pinturas o que muitas mulheres enfrentam; o casamento infeliz, o aborto, feminicídio, traição, dor e amor. Suas obras intensas e cheias de identidade mostram sua história, uma artista que conseguiu pintar o sentimento e colocar sua realidade íntima, bruta, frágil e triste em quadros, e que suas cores ampliam os rastros de coragem dessas mulheres. A vida de Frida foi marcada por tragédias desde a infância, ao longo de sua vida ela passou por situações de quase morte, pois em cada um desses momentos uma parte dela se esvaiu e foi eternizada em suas obras. Sua obra é um diário sem palavras, cercada de cores, de expressão e emoção.

Outro ponto de destaque em sua vida foi seu casamento com Diego Rivera, um amor incondicional dentro de um casamento turbulento; marcado por infidelidade, dores,

brigas, paixão, companheirismo e cumplicidade. Um amor que aceitou tudo para permanecer sólido, mesmo que em muitos momentos tenha se desmanchado. Frida partiu desse mundo sendo homenageada, ela foi uma grande mulher.

Sobre a história de Frida, penso que o amor conduziu essa narrativa quando nos principais momentos de sua vida, foi com a pintura que ela expressou o sentimento. O amor pela pintura a libertou, guiou sua vida e fez com que ela tivesse propósito, mesmo que esse propósito fosse somente retirar de si o que lhe afligia, o que doía ou o que amava e visualizar em uma tela, a forma que tem, os tamanhos, as cores e os detalhes desse sentimento. O amor que ela viveu com Diego foi algo que me lembrou Maria, Frida e Diego viveram um amor conturbado, de altos e baixos, mas que foi único. Maria viveu o amor com Humberto, o pai de suas duas últimas filhas.

Humberto foi o amor de Maria, juntos construíram um lar, enfrentaram obstáculos para que essa união se concretizasse e formaram uma família, mas não foi sempre calma, tiveram momentos turbulentos que colocaram os dois a prova desse amor. Maria, quando conta sua história, diz que o dia mais triste de sua vida foi quando Humberto faleceu, diz também que não amou ninguém novamente e que seu coração permaneceria com ele onde fosse.

O quarto e último filme que trago é *What Happened, Miss Simone?* que em uma tradução literal quer dizer *O que aconteceu, senhorita Simone?* Dirigido por Liz Garbus. Esse documentário conta a história de uma renomada pianista chamada Nina Simone, nele é narrado sua trajetória de vida, sua carreira, os obstáculos que enfrentou, as causas que defendeu ao longo dos anos, seus medos e suas conquistas. Negra, de cabelo crespo, compositora, cantora e pianista; Nina desde de sua infância sentiu o racismo queimar sua pele, mas nunca desistiu de lutar pelo que queria, aos poucos foi conquistando seu espaço no mundo da música e se tornando uma referência para a comunidade negra.

Quando Nina compreendeu a importância de estar em um lugar de representação para essa comunidade, começou a caminhar rumo a defesa dos direitos civis voltados a comunidade negra, isso aconteceu no ano de 1960 nos Estados Unidos, sua música passou a ter tons mais ativistas, muitas vezes agressivos no sentido de não conseguir se manter silenciada enquanto seu povo estava sendo massacrado. A luta que ela travou foi necessária, mas isso fez com que ela não fosse mais interessante no mundo da música. Perdendo seu espaço, Nina se afastou dos palcos e mudou-se para outro país durante

alguns anos, quando retornou por necessidade, precisou ser muito resiliente para consolidar novamente sua carreira e reconquistar os palcos mesmo passando por sérios problemas de saúde.

Nina, em sua história, viveu um relacionamento abusivo com o companheiro Andrew Stroud. O início o relacionamento deles foi mostrado como algo positivo, ele era alguém que apoiava os sonhos da esposa, tornou-se empresário dela, a mantinha em segurança, cuidava do seu bem estar e a amava, mas nos bastidores ele a agredia, usada da violência física, verbal e psicológica para mantê-la sob seu controle e não permitia que as decisões sobre sua vida fossem escolhas dela. Ela relatava em seu diário as agressões que sofria do marido, as falas que eram ditas para feri-la e as formas que ele encontrava de derrubá-la; Nina precisou usar toda sua força interior para romper o casamento cuidando para que não ferisse a si mesma ou a sua filha, fruto do seu casamento com Andrew.

Em meio a isso, a saúde mental de Nina começou a dar claros sinais de que ela precisava de ajuda, os seu humor havia mudado, ela estava mais furiosa, sua fúria não era direcionada a algo ou alguém e assim atingia a qualquer pessoa; com isso, Nina desabou. Existiu um diagnóstico de transtorno bipolar que foi importante e fundamental para o seu tratamento, mas não quero que esse seja o ponto principal dessa história, Nina foi uma mulher de espírito livre, buscava a liberdade em qualquer circunstância de sua vida e tinha na música um depósito de sentimentos que necessitava retirar de si para o seu bem e para o bem de quem ouvisse seu canto.

Suas letras chegavam com uma honestidade e uma singularidade que a tornavam especial. Nina cantava o sentimento, o que vinha do seu coração, as dores, angústias, o significado ser mulher e negra. A história de Nina me laçou, pois em muitos momentos do que foi apresentado compreendi que ela não tinha escolha a não ser lutar e ser forte, ser uma mulher negra em uma sociedade opressora e racista exigia dela um posicionamento mais firme, a usar seu papel social para ajudar a comunidade em que estava inserida. Nina é uma mulher real, com uma vida real, talentosa, cheia de personalidade e corajosa; minha avó Maria não enfrentou as mesmas batalhas que Nina, mas como mulher foi corajosa para enfrentar os desafios da vida, assim como ela. Talvez o que aproxima a história de Nina à história de Maria, seja as agressões que sofreram dos homens, Maria sofreu, marcadamente, com o primeiro e segundo marido agressões, mas

talvez tenha sido rápida na decisão de abandoná-los, para que não se repetisse e enlouquecesse. Ou era a família convencional, ou era ela. Fez a opção por ela.

Esses filmes me ajudaram a ampliar meu olhar sobre a história de Maria, que também cresceu em uma sociedade opressora, uma sociedade com imposições feitas a mulheres no que se refere sua liberdade, seja no casamento, no trabalho, na política e nas escolhas que decide para seguir a vida. Em todas as áreas existiam e ainda existem desafios que mulheres precisam enfrentar, tanto nas histórias que mencionei anteriormente quanto a história de Maria mostram que ser mulher ao longo dos anos nessa sociedade carece de força e essas mulheres foram o mais forte que podiam para conquistarem sua liberdade.

c) Leitura de mundos

Trazendo para este trabalho a história de Maria através de uma entrevista com ela e entrevistas com suas filhas, pude fazer um exercício de atravessar, com ela, as suas memórias, e foi nessa travessia que pude contemplar as condições de sua existência como mulher pobre, que viveu um conjunto de relações opressoras, mas que teve a coragem de se libertar de boa parte dessas relações; a libertação de Maria se deu muito pela capacidade de leitura de mundo que ela tinha. Sim, Maria é uma mulher analfabeta, mas que sempre soube ler o mundo com bastante lucidez da trilha que queria seguir. Fui, portanto, buscar Paulo Freire, para me ajudar na contemplação da vida de minha avó/mãe e assim poder construir uma moldura que me permitisse entender, com intimidade, o que é a leitura de mundo.

Paulo Freire com seu livro “A importância do ato de ler”, me fez pensar que a leitura de mundo que fiz na construção da minha identidade foi passada muito pela minha avó, pois ser apenas alfabetizada não foi o único viés que eu utilizei para a compreensão do funcionamento do mundo, das relações, de perceber as pessoas e os lugares mais criticamente e saber me posicionar como mulher. Eu precisei de uma costura entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento de mundo da minha avó, para que me tornasse quem sou, e a consciência que tenho disso hoje, fluiu através do que venho estudando e construindo academicamente ao longo dos meus anos na universidade, pois foi com esse conhecimento que passei a enxergar a história da minha avó, como uma história legítima, e com essa história me atravessa tão profundamente na minha identidade.

Eu me lembro da minha primeira leitura de mundo, ainda pequena na infância. Eu morava em uma casa no bairro Piranga e acreditava que aquele bairro era o mais legal, em frente à minha casa tinha um campo enorme e nesse dia, fim de tarde, eu coloquei o meu vestido de botões preferido, peguei a minha bicicleta cor de rosa e resolvi andar nesse campo até me cansar. Para mim tinha sido uma conquista recente saber andar de bicicleta sem as rodinhas, por isso eu estava feliz. Eu me lembro do vento batendo no meu rosto e dos meus cabelos voando, lembro de me sentir vitoriosa e de estar onde queria, eu olhava para a porta da minha casa e lá estava minha avó, sentada em uma cadeira me observando e acenando com a mão, eu gritava para ela, eu consegui, eu consegui mainha, e ela sorria para mim orgulhosa. Olhando daqui, de onde estou hoje, faço uma leitura ingênua que a infância me permitiu ter, que proporcionou ver a vida como algo simples, leve e percebi que se me esforçar um pouco mais consigo fazer ultrapassagens atuais que podem ter o mesmo significado de largar as rodinhas da bicicleta. E isso me dá a certeza de que a cada conquista, minha avó estará comigo. Da mesma forma como ela me ensinou a andar de bicicleta, ela me ensinaria outras coisas que eu ainda precisaria aprender na vida. As coisas da vida minha avó sabe bem.

Eu me lembro de momentos quando pequena, que eu compartilhava meu conhecimento da escola com minha avó e tentava colocá-la dentro desse conhecimento, assim como ela me ensinava seu conhecimento e muitas vezes me ajudava na realização das atividades da escola. Mesmo sem saber nada de estudo ela se esforçava para participar dessa parte da minha vida, uma vez lembro dela me ajudando a fazer a maquete mais bonita da aula de ciências, lembro do meu nervosismo com esse trabalho, de não saber por onde começar, sem criatividade para fazer acontecer. Então, minha avó disse que ajudaria, eu lia as instruções do que precisava ser feito para ela e ela me ajudava a construir, visualizando comigo a paisagem mais bonita e criativa para fazermos. Nesse dia, corremos para a rua de casa para colher pedrinhas, folhas, flores e galhos para construir a maquete. Minha avó mesmo sem conhecimento escolar me ensinava mais do que qualquer pessoa, eu me questionava como ela conseguia fazer tudo na vida sem ter o que todos dizem ser preciso, a instrução, sem ser ao menos alfabetizada.

Para minha avó, o que houve foi uma inconexão entre a leitura de mundo que ela possuía, com a leitura da palavra que ela nunca pôde escrever. Freire ressalta que, a alfabetização de adultos é um ato político e de conhecimento, onde a alfabetização não pode ser colocada apenas como o aprendizado da palavra e das letras, mas que esse processo de conhecimento e criação tem como protagonista o sujeito. Esse processo de alfabetização é algo importante, pois o ato de alfabetizar-se não é apenas aprender a ler, por exemplo, uma história, mas também como sentimos, interpretamos e compreendemos essa história, como ela é e como ela acontece. Então, Freire pontua que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, mas que essas leituras implicam a continuidade uma da outra, assim a palavra acontecia da leitura de mundo de muitos povos; das suas angústias, inquietações, sonhos e que depois no ato de aprender a escrever envolvia-se as codificações da palavra em que poderia formular uma leitura mais crítica da realidade, assim quando se trata de leitura, entendendo a construção do ser humano e pensada politicamente prepara-se oprimidos para gerar uma ação contra- hegemônica.

Parte III

4. Passos para a construção do livro

A pesquisa ocorreu por meio de uma entrevista aberta com Maria, que proporcionaram confissões significativas e a partir dessas confissões surgem retratos que traçam diferentes momentos e diferentes aspectos a serem contemplados na sua história. A partir disso, avancei para entrevistas com pessoas que tem laços significativos com Maria, que são suas filhas. Entrevistá-las trouxe uma nova perspectiva a respeito dessa mulher, dando a possibilidade de enxergá-la de outro modo, também foi pensada na esperança de obter confissões que ainda não tinham sido reveladas.

Entrevistei as filhas de Maria, no intuito de compreender Maria por outras óticas e com essas versões da mesma mulher conseguir traçar aspectos, em algumas situações divergentes, mas que se cruzam na sua trajetória de vida. As entrevistas foram bem sucedidas e fortes, as filhas de Maria confessaram muitas lembranças sobre como enxergavam e enxergam atualmente a mãe, e como percebem sua história. Essas entrevistas aconteceram em dias distintos, por meio de gravação de áudio, em seguida, depois de coletar as informações que buscava, tratei de transcrever todo o material que

havia conseguido obter. Com essas etapas finalizadas, escrevi um texto de introdutório para apresentar a história de Maria e as percepções distintas de suas filhas sobre ela, dei o título *Maria por Maria* a parte da entrevista feita com Maria, dei o título *Retratos de Maria pelas filhas de Maria* para a parte com as entrevistas de suas filhas e por fim dei o título *Travessias* para um pequeno texto que escrevi costurando essas histórias e os ensinamentos que vislumbrei na jornada dessas três mulheres que guiaram-se juntas na vida.

Para finalizar, a capa do livro, foi um retrato feito de Maria enquanto ela escrevia o título do livro, *Histórias de Maria*. Essa ideia surgiu por querer que fosse algo original e sobre ela, nada mais justo que a capa seja sua, com as suas mãos desenhando letra por letra. Escrevi em um papel o título do livro e pedi que ela reproduzisse escrito e assim a capa ganhou formato.

5. Considerações Finais

A história de Maria traz um conhecimento de superação e libertações de arranjos opressores, dentro do contexto de uma sociedade patriarcal, machista, capitalista; com o percurso de sua própria história, essa mulher construiu seu conhecimento, na luta, um conhecimento marcado por uma dimensão intuitiva bastante forte, arrancado na solidão de uma mulher, um conhecimento que apesar de ser construído na solidão não se tornou um conhecimento isolado mas sim coletivo, já que muitas mulheres podem aí se reconhecer.

Um saber que uma mulher como Maria carrega em suas mãos cheias de calos criados na labuta com enxada; um saber brotado de uma vida que pôde vivenciar a infância, porque desde de cedo precisou trabalhar para sobreviver. O saber nascido da dúvida sobre quando seria a próxima refeição feita com o pegado da panela deixada por seus patrões. O sentimento de ter que aguentar um casamento sem amor, por necessidade, a experiência amarga de ser impedida de criar os filhos, ser julgada pela sociedade por ser divorciada, o saber também amargo de descobrir como o mundo é injusto, principalmente para mulheres como ela, os desencontros e encontros com o amor, o desassossego de perder o amor encontrado para sempre; os descaminhos e caminhos de sobreviver sozinha em outra cidade, lutar pelos filhos, sustentar sozinha sua família e ter o sentimento de que não saber nada sobre o estudo é ser deixada para atrás como

foram todas as mulheres de sua família, pressas a um ciclo fundo de analfabetismo e sem esperanças em romper com esse destino, é um conhecimento que merece validação por ser um conhecimento sobrevivente a exclusão causada pela sociedade.

Com isso, o conhecimento e a formação que Maria tem da vida se mostram como construções fortes e que talvez como uma gota de água no oceano deem a sua contribuição para a transformação social, considerando que ela quebrou um ciclo de opressões por dentro de sua família, quando libertou suas filhas e netas criadas como filhas do analfabetismo e dependência financeira. Maria cumpriu (e ainda cumpre) seu papel como mulher, que tem voz, que tem direitos e que é sobrevivente na superação de relações de opressão.

Nascer mulher em uma sociedade que determina o papel que se pode exercer durante sua vida, esse de ser mãe, esposa e dona de casa, e aguentar tudo do marido, é para Maria, como está em uma prisão sem portas e janelas, em uma época onde não é possível enxergar uma saída e mesmo buscando se libertar das amarras impostas, foi desvalorizada. Maria sabia que deveria lutar e lutou, em primeiro lugar por sua sobrevivência, em segundo lugar pelos seus filhos e em terceiro lugar por ela mesma. Lutou por ela, por não desejar permanecer em uma caixa de opressão social mantida no esquecimento e apesar de ser uma mulher analfabeta, Maria conseguiu ler a vida, saber o lugar onde não pertencia e romper o ciclo mais delicado para ela que é ver suas filhas e netas alfabetizadas, mulheres que foram criadas por ela para serem independentes financeiramente e jamais se permitirem viver oprimidas por uma sociedade ou um casamento.

Esse é o conhecimento que Maria construiu ao longo de sua história, ela não conseguiu romper o próprio ciclo de ser analfabeta, mas conseguiu romper o ciclo de suas gerações e deu uma lição de vida para as mulheres de sua família buscarem seu espaço na sociedade, mesmo que todos os dias sejam de luta, pois para ela o pior dia seria aquele em que não pudesse lutar.

Muitos aspectos poderiam ser pensados e analisados mediante a história de Maria, por exemplo, um estudo sobre o analfabetismo na Educação de Jovens e Adultos da sua época, ou a questão da mulher na contemporaneidade, cruzando a aspectos sociais da sociedade passada e contemporânea, ou ainda explorar conceitos de emancipação, a

partir de parte da história de Maria, etc. De alguma forma esses tópicos atravessam esse trabalho e a história de Maria, entretanto destaco que quis trazer a história crua de Maria, amparando-me pela força poética que tem por confessar um destino.

As minhas confissões não surgiram sem incentivo, o meu caminho foi construído usando das minhas experiências na academia e principalmente enquanto participante no Projeto de Extensão Literatura e Vida, esse que me deu força para refletir sobre a vida, sobre a história de minha avó e sobre quem somos enquanto mulheres.

6. REFERÊNCIAS

Assy, Maria Rita do Amaral. **A força inventiva da voz ignorada**. São Paulo, 2014.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CARVALHO, Emiliania Gonçalves. **Retratos de Retratos**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2010.

DIRETOR, Pedro Cezar. **Só Dez Por Cento é Mentira – Manoel de Barros – Desbiografia Oficial**. YouTube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0 Acesso em: 11 Dez. 2022.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de Memórias Coloniais**. 4.ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

FRANCO, David. **Documentário: Vida e Obra de Frida Kahlo – HD**. YouTube, 24 de Agosto 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZT-kRN2hCM> Acesso em: 28 Nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 42.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo (1997). **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 4ª ed. (1ª edición: 1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo (1998). **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. (1ª edición: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GARBUS, Liz. **What Happened, Miss Sinome?** Estados Unidos. 22 de Janeiro de 2015 Disponível em: <https://www.netflix.com> Acesso em: 05 Dez. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LIMA, Marcus Vinicius Santana. **O Cacto não Cresceu**. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.

LIMA, Marcus Vinicius Santana. **Ontem estive Cálido**. São Paulo: Urutau, 2018.

PIÑON, Nélide. **Coração andarilho**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PROJETO LITERATURA E VIDA. **Poeta por Poeta – Alexia Laíse apresenta Marcus Vinicius**. YouTube, 24 de Novembro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TooyQu7k6k8&list=WL&index=6&t=6661s> Acesso em: 10 Dez. 2022.

RAMOS, Márcio. **Vida Maria**. YouTube, 01 de Julho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG htum4&t=453s> Acesso em: 20 Nov. 2022.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAMAGO, José. **Deste Mundo e do Outro**. 3a. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

SATRAPI, Marjane & PARANNAUD, Vincent. **Persépolis**. Sony Pictures: França, 2007. YouTube, 4 de março de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CnXsamZ0H38&t=3024s> Acesso em: 26 Nov. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010

SEMPRE UM PAPO. **Adélia Prado no Sempre um Papo**. YouTube, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM&t=3s> Acesso em: 01 Dez. 2022.

ZAMBRANO, Maria. **A metáfora do coração e outros escritos - 2ªED.** (2000). Editora: Assirio & Alvim.